

O SUJEITO NULO EM CARTAS BRASILEIRAS DOS SÉCULOS XIX E XX: NOVOS DADOS PARA UMA VELHA MUDANÇA¹

*NULL SUBJECTS IN BRAZILIAN PRIVATE LETTERS FROM THE 19TH TO THE
20TH CENTURIES: NEW DATA FOR AN OLD CHANGE*

Silvia Regina de Oliveira Cavalcante² | [Lattes](#) | silviare@letras.ufrj.br

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo: A sintaxe do Português Brasileiro (PB), especificamente a remarcação do Parâmetro do Sujeito Nulo (PSN), tem sido estudada amplamente tanto no Brasil quanto no exterior, desde uma perspectiva estritamente teórica (com dados de intuição) a uma perspectiva mais empirista, com dados da fala e da escrita. O sujeito nulo no PB tem mais restrições para a sua interpretação e licenciamento do que no PE e em outras línguas românicas de sujeito nulo. Este trabalho traz uma análise diacrônica do sujeito nulo de referência definida numa amostra de cartas pessoais de brasileiros nascidos ao longo dos séculos XIX e XX. A metodologia de pesquisa alia os pressupostos teóricos da gramática gerativa com a metodologia de análise estatística de dados proveniente da Sociolinguística, considerando que a mudança linguística ocorre no período de aquisição da linguagem, e que a gradualidade que vemos nos dados se dá na substituição de uma gramática por outra. As frequências de uso, desse modo, vão refletir a competição entre gramáticas distintas até que a gramática nova substitua a mais antiga. Os resultados revelam que o índice geral de sujeito nulo sai de 70% e vai para 38%; além disso, os contextos sintáticos do sujeito nulo nas cartas dos missivistas nascidos na primeira metade do século XIX são mais amplos do que os contextos do sujeito nulo nas cartas dos missivistas da segunda metade do século XX.

Palavras-chave: Sujeito nulo; Mudança linguística; Português Brasileiro; Cartas pessoais.

¹ Este trabalho é um dos resultados do Projeto de Pesquisa “O sujeito nulo na história do Português Brasileiro: uma mudança encaixada”, financiado parcialmente pelo CNPq (com bolsas de Iniciação Científica para os alunos que integram o projeto). Agradeço aos dois pareceristas anônimos, que enriqueceram o trabalho com as suas indagações e sugestões. A maioria das sugestões foram incorporadas ao trabalho e serão levadas em consideração em trabalhos futuros.

² <https://orcid.org/0000-0003-3264-3572>

Abstract: The syntax of Brazilian Portuguese (BP), specifically as for the resetting of the Null Subject Parameter (NSP), has been studied extensively both in Brazil and abroad, from a strictly theoretical perspective (with intuition data) to a more empiricist perspective, with data from oral and written samples. The null subject in BP has more constraints for its interpretation and licensing than in EP or other Romance Null Subject Languages. This paper presents a diachronic analysis of the null subject of definite reference in a sample of private letters written by Brazilians born throughout the 19th and the 20th centuries. The methodology of this research combines the theoretical assumptions of generative grammar with the methodology of statistical data analysis from Sociolinguistics, considering that language change occurs during the period of language acquisition, and that the gradualness that we see in the texts occurs in the replacement of a new grammar for another. The frequency of usage, in this way, will reflect the competition between different grammars until the new grammar replaces the older one. The results reveal that the overall null subject rates go from 70% to 38%. Furthermore, the syntactic contexts of the null subject in letters written in the first half of the 19th century are broader than the contexts of the null subject in the letters of the second half of the 20th century.

Keywords: Null subject; Linguistic change; Brazilian Portuguese; Private letters.

Introdução

Desde Tarallo e Kato (1989) e Tarallo (1993), os estudos sobre mudança linguística no Brasil ganharam nova roupagem, com a associação do modelo teórico Gerativista com a análise quantitativa da Sociolinguística Variacionista. Nesta seara, os estudos sobre a sintaxe do Português Brasileiro (PB) têm mostrado um quadro de diferenças microparamétricas (Baker, 2008) em relação ao Português Europeu (PE) e a outras línguas românicas, principalmente no que tange ao Parâmetro do Sujeito Nulo. O capítulo seminal de Duarte (1993), que traz uma análise diacrônica sobre o sujeito nulo em peças brasileiras, foi o pontapé para os estudos sistemáticos sobre a remarcação do Parâmetro do Sujeito Nulo no PB. Podemos citar os trabalhos de Duarte (1995) sobre a mudança na fala de indivíduos cultos que foi seguido por inúmeros trabalhos tanto na fala quanto na escrita, em comparação com o PE e outras línguas românicas (Barbosa, Duarte e Kato, 2005; Duarte, 2000; 2007; 2019) entre outros trabalhos diacrônicos com base em amostras de cartas pessoais (Vieira-Pinto, 2020; Coelho et al. 2017, 2021; Coelho e Vieira-Pinto, 2021)

Resumidamente, o PB caracteriza-se não só por ter índices de sujeito nulo mais baixos do que os do PE, mas também apresenta contextos sintáticos mais restritos para o licenciamento e a interpretação do sujeito nulo de referência definida. Além disso, o sujeito nulo de terceira pessoa do singular recebe interpretação genérica ou arbitrária, o que tem levado a afirmar que o PB se caracteriza como sendo uma gramática de sujeito nulo parcial, se afastando das outras línguas românicas e se aproximando do Finlandês e do Hebraico (Kato, 2000; Rodrigues, 2004; Holmberg, 2005, 2010; Marins, Soares da Silva, Duarte, 2017, entre outros³).

Poderíamos questionar se um tema tão estudado na literatura ainda suscita campo de trabalho, depois de 30 anos de investigação. Felizmente, ainda há o que dizer sobre o sujeito nulo no PB, não só do ponto de vista teórico, mas também empírico. Desse modo, neste artigo, apresento uma análise do sujeito nulo de referência definida em cartas pessoais brasileiras, a fim de mostrar a implementação e o encaixamento da mudança paramétrica na escrita. Trata-se de uma escrita particular, pois a amostra analisada é constituída de cartas pessoais escritas por brasileiros nascidos do início do século XIX ao final do século XX, que compõem o Corpus de História do Português – Corpus HistLing, da UFRJ.

Por hipótese, os resultados das cartas pessoais refletirão os resultados já encontrados na literatura, qual seja, a diminuição nos índices de sujeito nulo ao longo do tempo, e a diminuição do sujeito nulo em determinados contextos sintáticos. A pergunta principal levantada aqui é: é possível detectar a mudança na interpretação e licenciamento desse sujeito nulo de terceira pessoa em uma amostra diacrônica de cartas pessoais? Para fins metodológicos, trago aqui somente a análise dos sujeitos de 3ª pessoa de referência definida em sentenças matrizes, completivas, adverbiais e relativas, ao longo de sete períodos de tempo, considerando a data (provável) de nascimento dos missivistas.

Este artigo está organizado da seguinte forma: na seção 1, apresento a discussão sobre a interpretação e o licenciamento do sujeito nulo no PB, considerando o quadro teórico gerativista e as hipóteses levantadas; na seção 2, o corpus e a metodologia de trabalho são apresentados, bem como os objetivos específicos; na seção 3, apresento os resultados e a discussão, procurando responder se as hipóteses foram confirmadas e, por fim, considerações finais e referências.

³ Não é consenso na literatura a caracterização do PB como uma língua parcialmente *prodrop*: para além da interpretação indefinida (genérica e arbitrária) do sujeito nulo de 3ª. pessoa do singular, o PB apresenta algumas restrições sobre sujeitos expletivos que as línguas notadamente parcialmente *prodrop* apresentam. Como neste artigo, estou tratando exclusivamente dos sujeitos de referência definida, não entro em detalhes sobre a questão, apenas apresento como uma das características do PB, em face às línguas românicas de sujeito nulo.

1. O sujeito nulo no PB: interpretação e licenciamento

A discussão sobre a natureza do sujeito nulo no PB se inicia nos anos 1980 com Moreira da Silva (1983) e até hoje ainda traz desafios para a teoria linguística, não só pela frequência do sujeito nulo no PB, mas também pelos contextos sintáticos em que é licenciado. Apresento uma breve discussão sobre o fenômeno em que a análise aqui apresentada se baseia, cotejando alguns resultados de pesquisas empíricas e também alguma descrição teórica.

Partimos do trabalho seminal de Duarte (1993), que mostra a diminuição dos índices de sujeito nulo em peças brasileiras dos séculos XIX e XX. Nas peças de meados do século XIX o índice de sujeito nulo de terceira pessoa sai de 83% e chega a 55% na peça de 1992. A partir daí, diversos trabalhos empíricos com base em amostras de fala, procuraram descrever o PB em comparação a outras línguas românicas de sujeito nulo, tais como Duarte (2003), Marins (2009), sobre o Italiano; Soares da Silva (2006), sobre o Espanhol. De modo geral, os índices de sujeito nulo no PB são bem mais baixos do que nas outras línguas românicas de sujeito nulo, como mostrado na Tabela 1 a seguir:

Tabela 1: Percentual de Sujeito Nulo no PB e outras línguas românicas

	PB (EM) (Duarte, 2003)	PB 3o. Grau (Duarte, 2003)	PE (Duarte, 1995)	Esp. BA (Silva, 2006)	Esp. Madri (Silva, 2006)	Italiano (Marins, 2009)
Nulo	843	415	738	843	943	630
Total	4262	1424	1116	1221	1244	751
%Nulo	20%	29%	66%	69%	76%	84%

Fonte: Duarte (2003); Silva (2006); Marins (2009). Elaboração própria.

Podemos notar que os índices de sujeito nulo no PB falado, tanto por falantes com ensino médio, quanto ensino superior, são bem mais baixos do que os índices de sujeito nulo em outras línguas românicas, tanto da România Velha (Espanhol de Madri, Italiano e PE), quanto da România Nova (Espanhol de Buenos Aires), o que já pode evidenciar uma diferença paramétrica.

Além de trabalhos com base em amostras de fala, a mudança no sujeito nulo tem sido estudada também em amostras da escrita, tais como Duarte, Mourão e Santos (2012) e Duarte (2019), que comparam PE e PB em peças de teatro e também Vieira-Pinto (2020), Coelho et al. (2017, 2021), Coelho e Vieira-Pinto (2021), que trazem análises do sujeito nulo em cartas pessoais brasileiras. Destaco aqui o trabalho de Vieira-Pinto (2020), realizado com base em uma amostra de cartas catarinenses, que mostra uma di-

minuição nos índices de sujeito nulo entre os séculos XIX e XX: o índice geral de sujeitos nulos (excluídas as orações coordenadas) sai de 69% na segunda metade do século XIX e passa a 60% na segunda metade do século XX.

Segundo Kroch (1989), Tarallo e Kato (1989), os dados estatísticos são importantes, pois indicam características da *gramática* de uma língua. Entendemos aqui *gramática* no sentido gerativista da palavra, e *gramáticas* distintas produzem índices distintos de uma determinada construção ou forma. Desse modo, os dados estatísticos apontam para características sintáticas diferentes envolvendo o sujeito nulo no PB e nas outras línguas românicas de sujeito nulo. De fato, Galves (1998) afirma que:

“Duas Línguas-I serão consideradas diferentes se contêm na sua parametrização pelo menos um parâmetro fixado diferentemente. Quando isso ocorre, não só as duas gramáticas produzem enunciados diferentes, mas também atribuem a enunciados superficialmente idênticos (por exemplo no arranjo dos constituintes) estruturas diferentes”. (Galves, 1998:80)

Do ponto de vista teórico, desde o modelo de Regência e Ligação até análises mais recentes dentro do Programa Minimalista, tem havido diversas análises da natureza do sujeito nulo no PB, em comparação, principalmente com o PE: as análises comparativas entre PB e PE apontam que o sujeito nulo no PE é de natureza pronominal, a “verdadeira” categoria vazia *pro*; ao passo que no PB, o sujeito nulo tem sido analisado como uma categoria vazia do tipo *pro*, mas que não é legitimada pela concordância, mas precisa de um antecedente numa posição A-barra, ou como vestígio de movimento (Ferreira, 2000; Rodrigues, 2004; Modesto, 2000; Galves, 2019). Não é objetivo deste artigo advogar a favor de uma das análises, mas cabe aqui mencionar os contextos sintáticos em que o sujeito nulo é licenciado, que são a base da nossa análise quantitativa dos dados. O sujeito nulo no PB pode corresponder a um expletivo nulo, como vemos nos exemplos em (1):

- (1) a. [0] Parece que o João passou por aqui.
- b. [0] Choveu a noite inteira.

O sujeito nulo da subordinada tem o seu referente controlado pelo sujeito da matriz, como vemos em (2b); isso justifica o referente do sujeito nulo da subordinada ter que ser controlado pelo antecedente na matriz, o que explica o julgamento em (2b). Quando há dois antecedentes possíveis, como em (2c), o referente do sujeito nulo é o

mais próximo e a referência disjunta do sujeito nulo é agramatical, como em (2d), como mostra Rodrigues (2004):

- (2) a. O João₁ disse que e₁ vem amanhã de manhã.
b. [o pai do Paulo₁]₂ disse que e*_{1/2} vai ser promovido.
c. O Paulo₁ me contou que o João₂ disse que e*_{1/2} vai mudar para São Paulo.
d. *João₁ disse que Maria₂ acha que e₁₊₂ vão viajar. (Cf. Rodrigues, 2004)

O sujeito nulo é excluído em contextos de ilha relativa, como vemos nos contrastes entre o espanhol (3a) e o PB (3b), mas pode ocorrer em sentenças adjuntas, que também são um contexto de ilha forte, como vemos no contraste em (4):

- (3) a. Juan₁ viu a la chica que el/*pro*₁ besó anoche
Juan viu a moça que ele/*pro* beijou noite passada
b. O João₁ encontrou a carteira que ele/*e perdeu. (Cf. Rodrigues, 2002)
- (4) a. ??João₁ disse que as meninas que e₁ encontrou na rua eram estrangeiras.
b. João₁ comeu um pastel quando e₁ foi na feira. (Cf. Ferreira, 2000:102-103)

Além disso, o PB permite sujeitos plenos para retomar antecedentes com traço [-animado], como vemos nos exemplos em (5):

- (5) a. **A casa** virou filme quando **ela** teve de ir abaixo.
b. Nova Trento é do tamanho da rua São Clemente de Botafogo. Ela é desse tamanho. Ela não tem paralelas. (Duarte, 2000:22)

Como vemos, além das diferenças de frequência de uso, há diferenças na interpretação do sujeito nulo e do pronome pleno no PB, em relação ao PE e na possibilidade de o pronome pleno retomar um antecedente [-animado], e os contextos sintáticos que licenciam o sujeito nulo. À vista disso, neste trabalho, buscamos controlar os contextos sintáticos do sujeito nulo (ou pleno) em análise para saber como se dá a mudança nos textos históricos. Por hipótese, esperamos uma diminuição dos índices de sujeito nulo e uma restrição dos contextos sintáticos em que ele pode aparecer. Vejamos o *corpus* e a metodologia antes de passar aos resultados.

2. *Corpus e Metodologia*

A amostra desta pesquisa é constituída de cartas pessoais brasileiras que compõem o Corpus de História do Português – Corpus HistLing (<https://histling.lettras.ufrj.br/>), que é organizado de acordo com o Fundo Documental das Famílias. O Corpus HistLing está se formando ao longo do tempo de cartas depositadas em arquivos públicos e também de acervos pessoais. Desse modo, dentre os missivistas estudados, encontram-se pessoas “ilustres”, tais como o médico sanitarista Oswaldo Cruz e pessoas “não-ilustres”, tais como o casal de namorados Jayme e Maria, cujas cartas foram encontradas no lixo e entregues à coordenação do Corpus.

Por se tratar de pessoas, de certo modo, conhecidas, foi possível determinar períodos de tempo relacionados com as datas de nascimento desses missivistas. Na amostra considerada, estabelecemos sete períodos de tempo para as datas de nascimento dos missivistas, considerando um intervalo de 25 anos para tratar uma geração: Período 1 (1801-1825); Período 2 (1826-1850), Período 3 (1851-1875), Período 4 (1876-1900); Período 5 (1901-1925); Período 6 (1926-1950); Período 7 (1951-1975).

Apresento a amostra, objeto de análise deste artigo, organizada por famílias, para que tenhamos uma ideia das informações sócio-históricas relevantes dos nossos missivistas. As famílias estudadas são as seguintes:

- **Avós Ottoni:** 41 cartas escritas entre 1879 e 1889 pelo casal Christiano Benedicto Ottoni (engenheiro, Senador do Império e depois Senador da República) e sua esposa Barbara Balbina de Araújo Maia Ottoni a seus netos Mizaél e Christiano enquanto estes moravam em Paris. O casal é nascido no primeiro quartel do século XIX, 1801-1825.
- **Pedreira Ferraz Magalhães:** correspondência entre os pais e filhos da família. O pai, Jerônimo de Castro Abreu Magalhães (engenheiro civil, nascido em 1851), e a mãe, Zélia Pedreira Abreu Magalhães (esposa de Jerônimo, nascida em 1857), se correspondem com os filhos, que eram internos de conventos e mosteiros. Há três gerações de missivistas nessa família, nascidos entre 1826 e 1900.
- **Oswaldo Cruz:** correspondência entre Oswaldo Cruz, médico sanitarista brasileiro, sua esposa Emília e sua filha. Os missivistas nasceram entre 1851 e 1900.
- **Afonso Penna Jr.:** correspondência entre Affonso Penna Jr., filho de Affonso Augusto Moreira Penna (ex-presidente da República), e seus parentes. Os missivistas nasceram entre 1826 e 1900.

- **Casal Jayme-Maria:** cartas escritas entre 1936 e 1937 por um casal de namorados residentes no Rio de Janeiro, Jayme e Maria. O que se sabe deste casal são as informações retiradas das próprias cartas: Jayme morava em Ramos, subúrbio carioca; e Maria morava em Petrópolis, na Serra Fluminense. Estima-se, pelo conteúdo das cartas, que o casal tenha nascido entre 1901 e 1925.
- **Frazão Braga:** cartas escritas na 2ª metade do século XX, entre 1956 e 1994, por R. F. B. e seus familiares: W. (filho), M. (filho), M. R. (filha), E. (nora), M. H. (nora), D. (neto), A. (neta), At. (neto), Wl. (neto) e Ax. (bisneto). Os missivistas desta família nasceram entre 1876 e 1950.
- **Salgado Lacerda:** cartas escritas entre 1977 e 1983, que fazem parte da correspondência da jovem MSL, que fazia intercâmbio no exterior, com seus pais, irmãos e amigo da família. Os missivistas nasceram entre 1926 e 1975.

Como se pode perceber, com exceção do casal Jayme e Maria, todos os missivistas poderiam ser enquadrados na classe média / média alta, ou até mesmo, na elite brasileira. O casal Ottoni, por exemplo, é composto por um político e sua esposa. Os missivistas da Família Pedreira Ferraz Magalhães foram estudar, na sua maioria, em conventos e mosteiros e isso pode, de certo modo refletir na sua escrita. Os fundos Frazão Braga e Salgado Lacerda podem ser considerados pertencentes à classe média / média alta, pois os missivistas se correspondem com pessoas que foram morar no exterior, seja para trabalhar (que é o caso de A., da família Frazão Braga), seja para estudar (que é o caso da jovem MSL, da família Salgado Lacerda).

Antes de passar aos contextos sintáticos considerados para análise, cabe uma observação. Esta pesquisa parte da metodologia variacionista para o tratamento estatístico dos dados com o programa GoldVarb X (Sankoff, Tagliamonte, Smith, 2005). A escolha para uma análise estatística probabilística (para além dos percentuais), com o uso do GoldVarb X, se justifica pelo quadro teórico de mudança que subjaz este trabalho: considero, seguindo Kroch (1989), que a mudança linguística ocorre via competição de gramáticas, em que uma gramática substitui a outra ao longo do tempo. Além disso, por se tratar de uma análise diacrônica, em que a distribuição dos dados ao longo do tempo não é uniforme – fazemos usos dos dados que encontramos – a análise probabilística corrige essas distorções, mas não só. A análise probabilística, nas palavras de Tarallo e Kato (1989:14), é “um modelo de análise da linguagem que estatisticamente garante sua cientificidade ao projetar as probabilidades dos fatores que mais favorecem ou, ao contrário, inibem o comportamento de formas em variação e mudança”.

Além disso, na determinação dos grupos de fatores utilizados na descrição dos dados, parto de análises gerativistas e por isso, como valor de aplicação foi escolhido o sujeito nulo, para saber quais contextos sintáticos favorecem o sujeito nulo, observando os contextos sintáticos de “resistência” do sujeito nulo (Duarte, 2019), diferentemente de considerar os contextos de implementação do sujeito pleno. Essa decisão metodológica procura responder uma das perguntas apresentada na introdução e retomada aqui: é possível detectar a mudança na interpretação e licenciamento desse sujeito nulo de terceira pessoa em uma amostra diacrônica de cartas pessoais?

Na tentativa de responder a essa pergunta, controlo aqui, além do período de nascimento e do gênero (masculino ou feminino) dos missivistas, os seguintes fatores estruturais: tipo de sentença, traço de animacidade e especificidade do antecedente, padrão estrutural da sentença com sujeito nulo, pessoa e número (3ª. Singular ou Plural) do sujeito nulo (vs. pleno) em análise.

Passemos às justificativas para tratar cada contexto sintático. Em primeiro lugar, consideramos o período de tempo como a provável data de nascimento do missivista, por se tratar de uma análise gerativista que parte do pressuposto que a mudança linguística ocorre no período de aquisição. Estabelecemos um intervalo de 25 anos entre uma geração e outra, conforme já mencionado anteriormente.

Com relação ao traço de animacidade e especificidade do antecedente, a pesquisa se baseia em estudos anteriores, principalmente o de Cyrino, Duarte e Kato (2000), que mostram que existe uma relação entre os traços de animacidade e especificidade para a pronominalização. As autoras propõem a escala da referencialidade, que sai de antecedentes menos referenciais, como os não-argumentais, até chegar aos referentes mais referenciais, como a 1ª. pessoa, por exemplo, tal como se vê abaixo:

não-argumento	proposição	[-humano]	[+humano]
		3 p.	3 p. 2 p. 1 p.
		-espec.	+espec.
[-ref] < ----- > [+ref.]			

Quadro 1: Escala de Referencialidade segundo Cyrino, Duarte e Kato (2000)

Segundo as autoras, o estatuto referencial do antecedente (da forma nula ou plena) é um fator forte para a seleção de uma ou outra forma, qual seja, o uso do pronome

pleno é preferível em contextos mais referenciais, ao passo que os contextos menos referenciais preferem o pronome nulo (tanto na posição de sujeito quanto de objeto). Neste trabalho, como só analisamos os sujeitos de 3ª pessoa, controlamos os traços de animacidade [+/-animado] em combinação com o traço de especificidade [+/- específico]. A mudança paramétrica que afeta o PB vai fazer aumentar os índices de sujeito pleno não só nos casos de antecedentes [+animados, +específicos], mas também nos casos de referentes [-animados, -específicos]. Os exemplos a seguir trazem os casos de antecedente [+animado, +específico] (6), [+animado, -específico] em (7), [-animado, +específico] em (8) e [-animado, -específico] em (9):

- (6) a. Diga a **Marieta** q se [0] quizer alguma coisa escreva. (Período 3, Fundo Affonso Penna)
b. Vae tambem a sua esposa a eles desejo que [0] sejam felizes e que se acostumem no clima frio e que nada lhes aconteça de alteração em sua saúde. (Período 4, Fundo Frazão Braga)
- (7) Moral da estória, **todos os brasileiros** que pintam por aqui são assim, só querem que nós servimos de guia e na hora de nós perdemos um favor eles partem, somem, são uns imprestáveis (Período 6, Fundo Frazão Braga)
- (8) Enfim este **diploma** está em casa. Nada de ficar andando, pois toda a burocracia a ser feita eu já fiz. Repito ele está em casa. Bom não se afobem. Se não acharem darei um jeito, pois tenho meu amigo (Período 6, Fundo Frazão Braga)
- (9) a. E os seus **frangos**, [0] tem dado lucro? Estou doida para ver as fotografias do sítio. (Período 7, Fundo Salgado Lacerda).
b. e os sabados sempre faco Paõ doce e me lembro de de que se voce estivesse aqui avia meajudar equando elles vem açadinhos do forno eu digo logo se Tixe istivesse aqui como elle avia de gostar. (Período 1, Fundo Ottoni).

O tipo de sentença analisado está relacionado com as hipóteses sobre o sujeito nulo no PB ser licenciado em contextos de controle, que seriam os casos ilustrados em (2) e (3) acima. Em um contexto de mudança linguística, vamos esperar que um contexto de resistência ao sujeito nulo seriam as completivas, cujo referente está na matriz, como se vê em (10). Além das completivas, controlamos a matriz (11), subordinada adverbial (12), subordinada relativa (13) e segunda coordenada (14), como se vê a seguir.

- (10) Lembro-me que, quando [teu maninho] disse que [0] se-chamaria- C. Ottoni Vieira. (Período 1, Fundo Ottoni)
- (11) O passaporte do Libanês estava faltando visto de entrada em paris (protocolo do Líbano) e com isto as **autoridades** começaram a desconfiar do toque aventureiro dos 2 e de mim tam- bém . [0] Nos massacraram de perguntas. (Período 6, Fundo Frazão Braga)
- (12) Podem avisando os **irmãos preguiçosos** se [0] quizerem alguma coisa [rasurado] fazerem economia e mandarem o tutu pois não terei limite de peso e provàvelmente levarei 3 baús com antigos para casa e outras milongas mais (Período 6, Fundo Frazão Braga).
- (13) Alexandre caza e segue no mesmo dia para aqui onde [0] vem passar três dias. (Período 3, Fundo Affonso Penna)
- (14) **Papai** está de remedios do Dr F. de Castro e [0] tem melhorado graças a Deos. (Período 3, Fundo Affonso Penna)

O próximo contexto sintático controlado é o padrão estrutural, que diz respeito não só ao sujeito que está sendo analisado, mas também ao seu antecedente. Esse contexto é controlado, a fim de buscar responder sobre a natureza do sujeito nulo, se *prodrop* ou *topic drop*: Galves (1993; 2019) e Kato, Martins e Nunes (2023) propõem que o sujeito nulo no PB pode ser licenciado por um tópico, ou mesmo gerado via movimento. Além disso, o sujeito nulo do PB deve ser controlado pelo sujeito da oração matriz. Torregrossa, Andreou e Bongartz (2020)⁴ apresentam outra maneira de controlar o antecedente, com a Estratégia da Posição do Antecedente (PAS, em inglês), em sua análise comparativa do sujeito nulo do grego e do italiano. Os autores consideram a Estratégia da Posição do Antecedente, que de modo geral, prevê que em situações intrassentenciais, o sujeito nulo tem o seu antecedente na posição de sujeito; ao passo que o sujeito pleno aparece quando o seu antecedente está numa posição sintática abaixo de IP, como a de objeto. Além disso, a Estratégia de Posição do Antecedente pode aparecer em contextos inter-sentenciais, uma vez que o antecedente do sujeito nulo pode estar no contexto anterior. Neste trabalho, optei por controlar os padrões sentenciais seguindo Duarte (2019), a fim de podermos comparar os resultados do PB e do PE.

Vejamos os cinco padrões estruturais, explicitados a seguir, a fim de verificar os contextos de resistência do sujeito nulo; i.e., os contextos que favorecem o sujeito nulo.

- Padrão A: O antecedente do sujeito nulo está na sentença matriz, com a mesma função e controla a referência do sujeito na sentença subordinada:

⁴ Agradeço ao parecerista anônimo que me indicou essa referência bibliográfica e que poderá enriquecer futuros passos da pesquisa.

- (15) **Bêbê** me diz que [0] fica - até o fim deste anno em Petropolis; (Período 4, Fundo Pedreira Ferraz Magalhães)
- (16) Ontem é que **Atefeh** me falou que **ela** vai esperar p/ chegar no Iran para me mandar o tapete. (Período 7, Fundo Salgado Lacerda).
- Padrão B: O antecedente está na sentença adverbial precedente, com a mesma função e identifica o sujeito na sentença matriz:

(17) Samuel anda doente, e hontem eu o mandei ir pa caza tomar remedio e o Missias é quem está cozinhando. Hoje elle varreu a caza e fez o almoco e agora está as voltas com o jantar. Quando **elle** quer [0] é bem bomsinho. (Período 3, Fundo Affonso Penna)

(18) Leonor está bem melhor graças a Deus se **ella** fizesse os votos creio que [0] ficaria boa não achas?
 - Padrão C: O referente está numa sentença adjacente, com a mesma função do sujeito. Entendemos como sentença adjacente o período imediatamente anterior ao sujeito em análise, que seja diferente do período em que se encontra o sujeito. Assim, em (19) a seguir, o referente do sujeito nulo é “Christiano”, que é um sujeito de uma subordinada; entretanto, tal referente está no período imediatamente anterior ao período do sujeito nulo⁵:

(19) Observo que **Christiano** nada me diz de relações adquiridas a bordo: [0] diz que so se occupa de ler, comer e dormir: mas isso não convem. (Período 1, Fundo Ottoni).

(20) Estimei saber que o Mario está melhor; mas não seja isso rasão para se descuidarem de tratamento definitivo . **A molestia** é incidiosa e [0] vae seguindo seo caminho de modo implacavel, se [0] não for atalhada a tempo. (Período 2, Fundo Affonso Penna)
 - Padrão D: O antecedente está numa sentença adjacente, com função diferente da de sujeito:

(21) Estou ajudando **o Mestre Cel.** num livro que [0] lançará no Brasil. Excelente, atualíssimo e sempre escorregando no nosso atual govêrno. Como diz êle: é inevitável e é aí que entra o problema. Poderá ser editado ou não??!! (Período 6, Fundo Frazão Braga)

(22) Vou levar **Olga** ao Dor Couto pa ver se **ella** ain-da deve tomar um mez de banhos pois agora é que estam principi-ando as melhoras . (Período 3, Fundo Affonso Penna)

⁵ Entendemos como “sentença adjacente” a sentença imediatamente anterior ao período em que se encontra o sujeito nulo/pleno em análise.

- Padrão E: O antecedente está distante ou é um tópico discursivo:

(23) Já fechei o negocio com o **Bentinho**. Peço-te que não te esqueças de trazer a perola quando vieres, sim ? Pago aqui na Europa 50 libras a proporção que [ele] precisar , o resto quando eu puder no Rio. (Período 4, Fundo Oswaldo Cruz)

Em todos esses contextos sintáticos, esperamos encontrar uma diminuição nos índices de sujeito nulo ao longo do tempo, que não vai se dar da mesma forma: acreditamos haver uma maior retenção de sujeito nulo nos contextos considerados de “controle”, como o Padrão A e nos contextos em que o sujeito está associado a um tópico, como no Padrão E.

Com relação às sentenças coordenadas, decidimos controlá-las, mas apresento os seus resultados separadamente por dois motivos: em geral, as análises quantitativas sobre sujeito nulo não levam em consideração as sentenças coordenadas, pois se trata de contexto de apagamento do sujeito por elipse e esse “sujeito nulo” pode aparecer também em línguas de sujeito não nulo, como o Inglês. Entretanto, decidimos controlar tais contextos para ver se há diminuição nos índices de sujeito nulo também nesses contextos, como resultado da implementação da mudança.

Passemos à apresentação e à discussão dos resultados quantitativos.

3. Resultados e Discussão

A análise de dados está organizada em duas partes: em primeiro lugar, apresento os resultados gerais do percentual de sujeito nulo e pleno ao longo do tempo; em seguida os resultados advindos da rodada de regra variável, com o uso do Programa GoldVarb, com a discussão dos fatores selecionados como relevantes para o sujeito nulo.

Foram analisados 1766 dados de sujeito de terceira pessoa de referência definida, ao longo de sete períodos de tempo. O índice geral de sujeito nulo foi de 54%; o que não nos diz muita coisa se estamos considerando o encaixamento da mudança linguística. Desse modo, faz-se necessária a apresentação dos resultados gerais ao longo do tempo, por data de nascimento do missivista.

No Gráfico 1, apresento a evolução dos índices de sujeito nulo e pleno ao longo do tempo, considerando sentenças matrizes, completivas, adverbiais e relativas: podemos ver que os índices de sujeito diminuem ao longo do tempo, saindo de 70% nas cartas dos missivistas nascidos no primeiro quartel do século XIX e chegando a 38% nas cartas dos missivistas nascidos na segunda metade do século XX. Tais resultados, de certo modo, estão consoantes com os resultados de Duarte (1993; 2019) para os sujeitos de terceira pessoa em peças brasileiras: na amostra de peças, há a

diminuição dos índices de sujeito nulo que sai de 83% nas peças de 1845 e chega a 55% nas peças de 1992.

Nos dados das cartas, chama a atenção a subida entre os períodos 3 e 4, que destoam dos resultados dos períodos adjacentes. No período 4, encontram-se majoritariamente os filhos e filhas do casal da Família Pedreira Ferraz Magalhães, que foram todos enviados a conventos e monastérios para estudar. Assim, acredito que essa subida possa se dar em virtude de uma associação com a norma padrão e ao modelo do PE. Não cabe aqui, entretanto, fazer uma análise mais profunda da sócio-história dos missivistas, em virtude de não ser esse o foco deste artigo. Tal análise ficará para trabalhos futuros, em virtude dos temas de pesquisa sendo desenvolvidos dentro do Projeto de Pesquisa. Passemos à visualização da distribuição percentual do sujeito nulo e pleno ao longo do tempo pela data de nascimento dos missivistas:

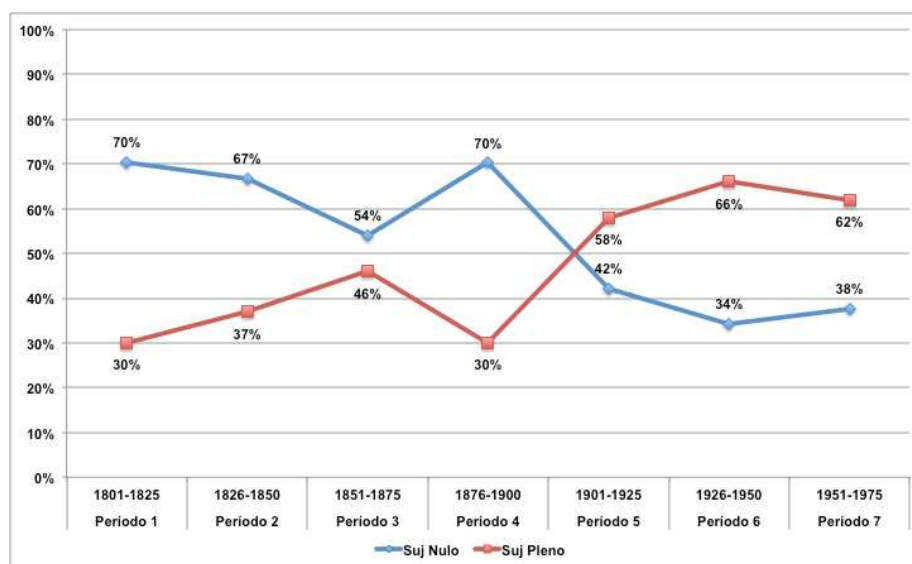


Gráfico 1: Evolução dos sujeitos nulos e plenos ao longo do tempo por data de nascimento do missivista

Os resultados gerais permitem fazer uma análise de regra variável para saber quais contextos favorecem o sujeito nulo nesta amostra. Passemos, portanto, para os resultados da regra variável: realizamos uma rodada geral, com valor de aplicação sujeito nulo, para captar os contextos que favorecem o sujeito nulo. Pode parecer contraditório numa pesquisa descritiva optar por controlar os fatores para sujeito nulo, com base num *corpus* do PB, que apresenta, sabidamente, contextos mais restritos ao sujeito nulo, do que línguas de sujeito nulo canônicas, como o Italiano e o PE. Entretanto, a ideia aqui é ver os contextos que mais favorecem o sujeito nulo para saber se eles estão relacionados, de certo modo, às análises gerativistas sobre o tema, que norteiam os grupos de fatores con-

trolados na análise. Pela quantidade de dados, optei por fazer uma rodada com todos os dados, sem separar por período de tempo. Desse modo, a data de nascimento do missivista é uma das variáveis independentes de análise. Como não fiz rodadas separadas pelo período de tempo, após apresentar a tabela com os índices e pesos relativos dos grupos selecionados.

Os fatores selecionados por ordem de mais relevante para menos relevante foram: período de tempo, animacidade/especificidade do referente, padrão estrutural e tipo de sentença. O *input* geral para o sujeito nulo foi de .541, o que espelha, de certo modo, o índice geral de sujeito nulo na amostra (54%).

O primeiro fator a ser selecionado foi período de tempo, conforme se vê com a Tabela 1 a seguir. Vemos que os pesos relativos acompanham a evolução dos índices percentuais de sujeito nulo, conforme já mostrado no Gráfico 1, e vemos a diminuição ao longo do tempo dos índices de sujeito nulo.

Tempo	Oco.	Total	%	P.R.
Período 1	31	44	70%	0.674
Período 2	46	69	67%	0.602
Período 3	75	139	54%	0.543
Período 4	492	700	70%	0.680
Período 5	111	263	42%	0.380
Período 6	76	222	34%	0.312
Período 7	124	329	38%	0.281

Tabela 1: Sujeito nulo vs. período de tempo (valor de aplicação sujeito nulo)

O segundo fator selecionado como favorecedor do sujeito nulo foi o traço de animacidade/especificidade do antecedente, como vemos com a Tabela 2 a seguir: notemos que os referentes com traço [-animado/-específico] favorecem o sujeito nulo, tal como ocorre nas línguas canônicas de sujeito nulo. De fato, na análise comparativa do sujeito nulo em amostras de fala do PE e do PB, Duarte (2019) mostra que o maior índice de sujeito nulo é com antecedente [-animado/-específico] e o menor índice de sujeito nulo é com antecedente [+animado/+específico] (58% vs. 23,5%). No PE, o antecedente [-animado/-específico] apresenta índice de 100% de sujeito nulo, ao passo que o antecedente [+animado/+específico] apresenta índice de 55% de sujeito nulo.

Podemos observar que os dados das cartas comprovam a escala de referencialidade de Cyrino, Duarte e Kato (2000), no sentido de apresentarem os índices mais altos de sujeito nulo com referentes [-animados/-específicos] (88%) e os referentes [+animados/+específicos] com índice de 50% de sujeito nulo.

Traço	Oco.	Total	%	P.R.
[-animado / -específico]	21	24	88%	0.927
[-animado / +específico]	170	226	75%	0.808
[+animado / -específico]	36	47	77%	0.725
[+animado / +específico]	728	1469	50%	0.427

Tabela 2: Influência do traço de animacidade e especificidade para o sujeito nulo

A Tabela 2 traz a distribuição percentual do sujeito nulo seguida do Peso Relativo e podemos ver que o maior índice tanto percentual quanto de P.R. para o sujeito nulo está nos contextos em que o referente é [-animado/-específico]. Associando os resultados da Tabela 2 com o Gráfico 2 e a Tabela 3 a seguir, podemos ver como ocorre a evolução do sujeito nulo ao longo do tempo pelo traço de animacidade / especificidade:

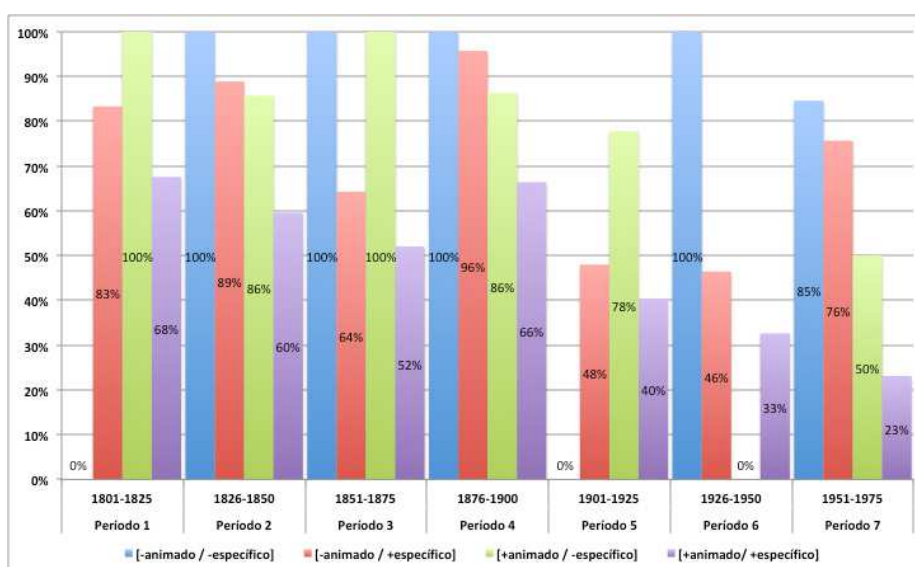


Gráfico 2: Evolução do sujeito nulo por traço de animacidade do referente por data de nascimento do missivista

		Período 1	Período 2	Período 3	Período 4	Período 5	Período 6	Período 7
		1801-1825	1826-1850	1851-1875	1876-1900	1901-1925	1926-1950	1951-1975
[-animado / -específico]	Suj Nulo	0	1	1	7	0	1	11
	Suj Pleno	0	0	0	0	1	0	2
	Total	0	1	1	7	1	1	13
	% Suj Nulo	0%	100%	100%	100%	0%	100%	85%
[-animado / +específico]	Suj Nulo	5	8	9	67	12	13	56
	Suj Pleno	1	1	5	3	13	15	18
	Total	6	9	14	70	25	28	74
	% Suj Nulo	83%	89%	64%	96%	48%	46%	76%
[+animado / -específico]	Suj Nulo	1	6	1	19	7	0	2
	Suj Pleno	0	1	0	3	2	3	2
	Total	1	7	1	22	9	3	4
	% Suj Nulo	100%	86%	100%	86%	78%	0%	50%
[+animado / +específico]	Suj Nulo	25	31	64	399	92	62	55
	Suj Pleno	12	21	59	202	136	128	183
	Total	37	52	123	601	228	190	238
	% Suj Nulo	68%	60%	52%	66%	40%	33%	23%

Tabela 3: Evolução do sujeito nulo por traço de animacidade do referente e data de nascimento dos missivistas

Se compararmos a evolução do sujeito nulo ao longo do tempo pelo traço de animacidade, veremos que a maior queda nos índices se dá nos referentes com traço [+animado/+específico]: o percentual de sujeito nulo sai de 68% no primeiro período e vai para 33% no último período. Os índices de sujeito nulo com referente [-animado/-específico] mantêm-se altos ao longo do tempo (oscilando entre 85% e 100%), e parecem não apresentar uma curva de mudança, mas uma estabilidade ao longo do tempo.

Chamam a atenção os índices de sujeito nulo nos períodos 5 e 6, [-animado, +específico] (48% e 46%), o que pode indicar uma maior implementação da mudança com traços da gramática brasileira, uma vez que se aproximam mais dos resultados de Duarte (2019) para o PB falado, como podemos exemplificar:

- (24) **Este mundo** é tão ingrato para nós dois, **ele** sabe perfeitamente o quanto nos amamos e no entanto finge não perceber. (Período 5, fundo Jayme-Maria)
- (25) A tua ausencia e demais voraz, para **o meu pobre coração**, tú somente e mais ninguém é que podes avaliar a dor que **ele** sente, e o anseio que **ele** tem para tornar a sentir as tuas caricias assim que voltares, de ti é que ele espera toda a força e vigor que é para ter vida e poder viver, para amar-te eternamente. (Período 5, Jayme-Maria)
- (26) Como veem, **Paris** tem suas compensações e dêste lado, realmente é fantástica a variedade de escolha que **ela** nos oferece. (Período 6, Fundo Frazão Braga)
- (27) Enfim êste **diploma** está em casa. Nada de ficar andando, pois tôda a burocracia a ser feita eu já fiz. Repito êle está em casa. Bom não se afobem. Se não acharem darei um jeito, pois tenho meu amigo. (Período 6, Fundo Frazão Braga)

(28) Peça a Adt. para escrever-me de novo. Lamento bastante não ter recebido **sua carta**. De qq maneira agora acredito que [0] chegue. (Período 6, Fundo Frazão Braga)

O terceiro fator selecionado foi o padrão estrutural, conforme mostra a Tabela 4 a seguir. Podemos ver que os dois Padrões que mais favorecem o sujeito nulo são o Padrão A e o Padrão B, em que o sujeito nulo ou está numa sentença subordinada e seu referente está na sentença matriz (Padrão A) ou está numa matriz com o seu referente na adverbial anteposta (Padrão B), que são casos em que há c-comando entre o referente e o sujeito:

Padrão	Oco.	Total	%	P.R.
Padrão A	99	120	83%	0.797
Padrão B	33	44	75%	0.730
Padrão C	420	800	53%	0.522
Padrão D	341	666	51%	0.405
Padrão E	62	136	46%	0.457

Tabela 4: Sujeito nulo vs. padrão estrutural da sentença (valor de aplicação sujeito nulo)

Cabe aqui mostrar a evolução por tipo de padrão ao longo do tempo, de modo a verificar como se dá diminuição dos índices de sujeito nulo por padrão sentencial ao longo do tempo. O Gráfico 3 a seguir traz os índices de sujeito nulo (versus pleno) por tipo de padrão estrutural e data de nascimento dos missivistas:

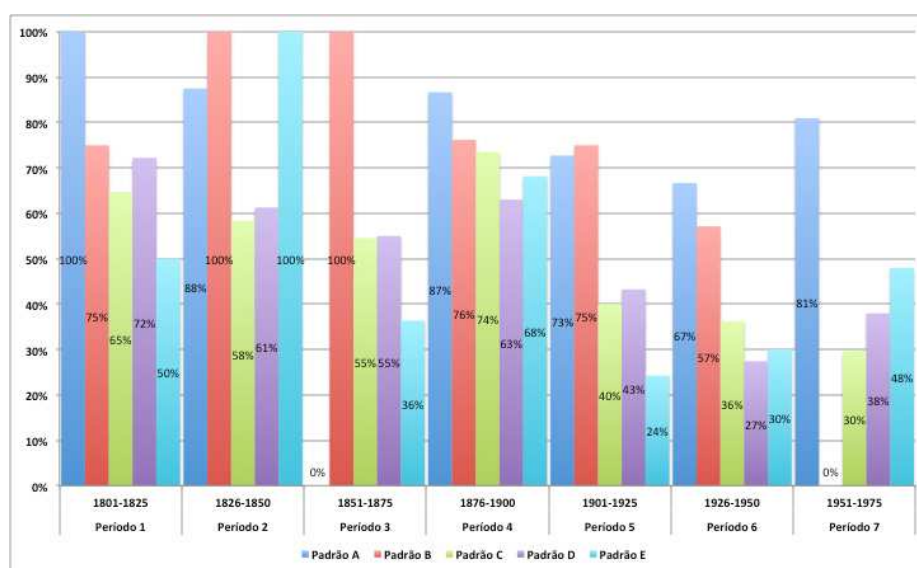


Gráfico 3: Evolução do sujeito nulo por padrão sentencial por data de nascimento do missivista.

Podemos ver que os índices de sujeito nulo diminuem ao longo do tempo, em todos os padrões sentenciais, mas de maneira diferente: por um lado, nos Padrões A e B, em que há um certo “controle” do antecedente sobre o referente do sujeito nulo, os índices são mais altos, variando entre 100%, no primeiro período e 81% no último. Por outro lado, quando o antecedente está numa posição diferente da de sujeito, Padrão D, os índices são mais baixos, saindo de 72% no Período 1 e chegando a 38% no Período 7. Podemos dizer que esses resultados quantitativos espelham as análises gerativistas sobre o licenciamento do sujeito nulo no PB, na medida em que são contextos que a literatura gerativista aponta como os únicos contextos de sujeito nulo – recorde-se que há análises que propõem que o sujeito nulo de uma encaixada é gerado via movimento da encaixada para a matriz (Ferreira, 2000; Rodrigues, 2004; Kato, Martins e Nunes, 2023). Os exemplos a seguir mostram os Padrões A e B, com destaque aos exemplos do Período 5, do casal não-ilustre, que parece ser o que mais se aproxima dos dados de PB da análise de Duarte (2019) e das análises teóricas sobre o sujeito nulo, com os índices mais altos de sujeito nulo nos Padrões A e B:

- (29) Já mais agora vendo o nosso filho ocupar uma alta patente como estás ocupando mas **Deus** não quiz, [0] achou que lá do céu **ele** está nos vendo nos acompanhando e resando por nós todos não é meu filho (Período 4, Fundo Pedreira Ferraz Magalhães)
- (30) Tenho umas novidadesinhas que muito te agradarão, no ultimo dia que subimos juntos, a noite, eu e **minha mãe** estivemos conversando, então ela falou muito a teu respeito, demonstrou estar muito interessada em voce, chegou a chorar, disse que ela e papai foram os culpados por tudo que houve, [0] falou também que [0] tem a certeza que nós não acabamos, e que dentro em breve voce voltará a frequentar a nossa casa. (Jayme)
- (31) **Minha mãe** falou também, que não [0] se metia em mais nada, porque se fosse o nosso destino nos casavamos mesmo e não adiantava estar se metendo, ela culpa somente a sua irmã, a sua irmã é que foi afronta-la. (Jayme)
- (32) **a Hilda** dice que [0] manda 10 beijo para você (Maria)
- (33) **a Ismenia** quando [0] vai no coreio não precisa dizer mais o meu nome a mosa ja sabe (Maria)

- (34) Eu a semana passada pasei muito triste e chorando um pouquinho só mais não fiques sangado com migo o que fais isto e eu gostar muito do meu Jayminho a **Ismenia** dice se [0] soubece escrever que [0] tinha escrito para voce dizendo que eu tinha chorado. (Maria)

Vejamos exemplos do Padrão D, em que o referente está numa posição diferente da de sujeito e não favorece o sujeito nulo:

- (35) **O rapaz** não conhece sua futura esposa, são os pais que a escolhem. É todo um ritual; a festa foi realizada “chez lui”, casa simples de terra batida e telhado de palha. Todos **o** esperam na rua e qdo êle chega cantam um hino muito bonito. (Período 6, Fundo Frazão Braga)
- (36) Muito te agradeço tua **cartinha** de 10 do corrente - No meio de minhas 5 amarguras [0] foi um balsamo consoladôr, que por instantes me alegrou e me encheo de satisfação. (Período 4, Fundo Pedreira Ferraz Magalhães)

Cabe mencionar o Padrão E, em que o referente do sujeito é um tópico, em que os índices de sujeito nulo oscilam entre 50% ~100% ~36% ~68% ~24% ~30% ~48% nos sete períodos de tempo analisados, evidenciando uma variação estável neste contexto. Tal resultado pode apontar o que se afirma na literatura sobre o sujeito nulo ser identificado por um tópico (“*topic drop*”), o que aproximaria o PB de línguas orientadas para o tópico.

- (37) Vae tambem a sua esposa **a eles** desejo que [0] sejam felizes e que se acostumem no clima frio e que nada lhes acuntece de alteração em sua saúde. (Período 4, Fundo Frazão Braga)
- (38) **Teu Pai**, Miloca, pelo que eu vejo, não faz idéa o que seja o amôr. Te digo que, parece-me que [elle] não quer que tu venhas por isto que hontem quando nós fomos em tua casa elle estava só disendo para Papai: Não achas, seu Cruz, que ellas não podiam estar agora aqui? que cheiro de tinta, isto está impossivel-etc, mas não foi capaz de nos diser que tua Mãi tinha consultado a elle a respeito da volta. (Período 3, Fundo Oswaldo Cruz)

Passemos ao quarto fator selecionado como favorecedor para o sujeito nulo: o tipo de sentença. Podemos ver com a Tabela 5 a seguir que as subordinadas completivas, seguidas das relativas, são os contextos mais favorecedores do sujeito nulo:

Sentença	Oco.	Total	%	P.R.
Completiva	314	481	65%	0.580
Relativa	95	165	58%	0.510
Matriz	470	954	49%	0.470
Adverbial	76	166	46%	0.431

Tabela 5: Sujeito nulo vs. tipo de sentença (valor de aplicação sujeito nulo)

Esse resultado, de certo modo, está relacionado ao resultado mostrado para o Padrão sentencial, uma vez que o “controle” ocorre entre o referente na matriz e o sujeito nulo na subordinada. Considerando os índices gerais, sem comparar a evolução ao longo do tempo, vemos que os percentuais são muito próximos entre completivas e relativas e matrizes e adverbiais. Se compararmos a evolução por tipo de sentença por data de nascimento dos missivistas, podemos ver como essa mudança ocorre. Vejamos o Gráfico 4 a seguir, que traz o percentual de sujeito nulo ao longo do tempo por tipo de sentença:

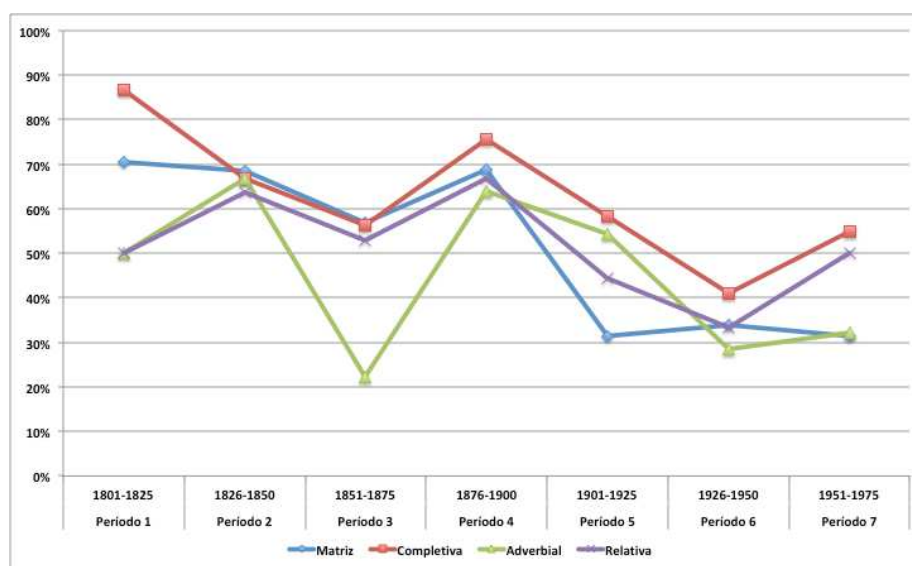


Gráfico 4: evolução do sujeito nulo por tipo de sentença por data de nascimento do missivista

Vemos que os índices de sujeito nulo diminuem ao longo do tempo, entretanto, em alguns contextos os índices são mais altos, como é o caso das completivas, que se mantêm como o contexto favorecedor para o aparecimento do sujeito nulo. A maior queda ao longo do tempo ocorre com as sentenças matrizes, em que o percentual de sujeito nulo sai de em torno de 70% e vai para em torno de 30%.

Cabe trazer aqui o percentual do sujeito nulo nas sentenças coordenadas. Conforme mencionado anteriormente, retirei da análise as sentenças coordenadas, por se tratar de um contexto em que o sujeito nulo pode ser uma elipse e licencia sujeitos nulos em línguas de sujeito não nulo. Entretanto, vale a pena comparar os índices de sujeito nulo nas orações coordenadas ao longo do tempo com as outras sentenças. Comparemos as tabelas 6.1 e 6.2 a seguir: mais uma vez, vemos os índices de sujeito nulo diminuírem ao longo do tempo, mesmo nas coordenadas; entretanto, essa diminuição ocorre de maneira distinta, dependendo do tipo de sentença. Primeiramente, comparando os percentuais de sujeito nulo das coordenadas em relação às outras sentenças, percebemos que os índices de sujeito nulo saem de 98% e chegam a 54-62% nos dois últimos períodos. Com relação às outras sentenças, nenhum dos contextos apresenta índices de sujeito nulo tão altos como esses, incluindo aí as completivas, que são as sentenças com o maior índice de sujeito nulo. A comparação apresentada aqui é importante para mostrar que até no contexto das coordenadas, ocorre a diminuição do percentual de sujeito nulo. Com relação às completivas, o contexto sintático mais favorecedor do sujeito nulo, vemos que os índices são mais altos em comparação com as outras orações, saindo de 87% no Período 1 e chegando a 55% no último período.

Com relação ao período de tempo, vemos que os Períodos 5 e 6 parecem espelhar mais de perto as descrições gerativistas para os contextos de licenciamento de sujeito nulo, uma vez que o contexto mais favorecedor para o sujeito nulo são as completivas, que o sujeito da encaixada é controlado pelo referente na matriz e os índices de sujeito nulo no geral são os mais baixos.

Tipo de Sentença / Período de Tempo		Período 1 1801-1825	Período 2 1826-1850	Período 3 1851-1875	Período 4 1876-1900	Período 5 1901-1925	Período 6 1926-1950	Período 7 1951-1975
Matriz	Suj Nulo	12	13	42	248	45	44	66
	Suj Pleno	5	6	32	113	98	86	144
	Total	17	19	74	361	143	130	210
	% Suj Nulo	71%	68%	57%	69%	31%	34%	31%
Completiva	Suj Nulo	13	16	22	164	39	16	44
	Suj Pleno	2	8	17	53	28	23	36
	Total	15	24	39	217	67	39	80
	% Suj Nulo	87%	67%	56%	76%	58%	41%	55%
Adverbial	Suj Nulo	4	10	2	22	19	10	9
	Suj Pleno	4	5	7	13	16	25	20
	Total	8	15	9	35	35	35	29
	% Suj Nulo	50%	67%	22%	63%	54%	29%	31%
Relativa	Suj Nulo	2	7	9	58	8	6	5
	Suj Pleno	2	4	8	29	10	12	5
	Total	4	11	17	87	18	18	10
	% Suj Nulo	50%	64%	53%	67%	44%	33%	50%

Tabela 6.1: Evolução do sujeito nulo por tipo de sentença por data de nascimento do missivista

Tipo de Sentença / Período de Tempo		Período 1 1801-1825	Período 2 1826-1850	Período 3 1851-1875	Período 4 1876-1900	Período 5 1901-1925	Período 6 1926-1950	Período 7 1951-1975
Coordenada	Suj Nulo	40	36	57	223	121	102	158
	Suj Pleno	1	4	12	27	69	86	98
	Total	41	40	69	250	190	188	256
	% Suj Nulo	98%	90%	83%	89%	64%	54%	62%

Tabela 6.2: Evolução do sujeito nulo em sentenças coordenadas por data de nascimento do missivista

Os resultados aqui apresentados revelam, de certo modo, a implementação da re-marcação do Parâmetro do Sujeito Nulo na escrita: vemos a diminuição nos índices de sujeito nulo ao longo do tempo: nos Períodos 1, 2 e 3, os índices gerais de sujeito nulo (excluindo-se as coordenadas) se aproximam muito dos índices de sujeito nulo das línguas românicas, mostrados na Tabela 1 acima; a partir do Período 5, temos uma queda nos índices de sujeito nulo mais brusca, que se distancia dos índices de sujeito nulo das línguas românicas e se aproxima do PB falado atual.

Além disso, os contextos sintáticos favorecedores para o sujeito nulo se revelaram como os mesmos contextos já discutidos por Duarte (2019) nas peças brasileiras e nas amostras de fala brasileira e portuguesa: podemos ver praticamente os mesmos contextos de “resistência” do sujeito nulo, a saber:

- o traço de animacidade e especificidade nos contextos de referentes [-animado, -específico] favorece o sujeito nulo, fazendo com que os índices sejam altos nesse contexto, inclusive nos períodos em que o índice de sujeito nulo fica abaixo de 50%;
- os padrões estruturais A e B (em que o sujeito tem sua referência controlada via c-comando) favorecem o sujeito nulo; ao passo que o Padrão D (em que o referente do sujeito está menos acessível) não favorece;
- há uma diminuição geral dos índices de sujeito nulo ao longo do tempo, com a manutenção dos índices altos de sujeito nulo nas completivas e nas relativas;
- por fim, mesmo em contextos de coordenadas, que não é um contexto de sujeito nulo, mas sim de elipse, há a diminuição geral no índice de sujeito nulo.

Se voltarmos aos resultados de Vieira-Pinto (2020), que analisou os sujeitos nulos numa amostra de cartas catarinenses, vemos que os índices gerais de sujeito nulo são mais baixos na amostra de cartas cariocas do que na amostra catarinense. De certo modo, os resultados quantitativos das amostras de cartas, mesmo distantes dos resultados das

amostras de fala, apontam para a observação do encaixamento da mudança na língua escrita.

4. Considerações finais

Este trabalho trouxe uma análise do fenômeno do sujeito nulo em cartas de brasileiros nascidos entre os séculos XIX e XX, com o objetivo principal de observar o encaixamento da mudança na remarcação do PSN na escrita familiar, a fim de responder à pergunta: é possível detectar a mudança na interpretação e licenciamento desse sujeito nulo de terceira pessoa em uma amostra diacrônica de cartas pessoais?

Os resultados a que chegamos permitem indicar que a mudança na interpretação e no licenciamento do sujeito nulo começa a se implementar na amostra diacrônica, na medida em que os contextos mais favorecedores do sujeito nulo são exatamente os contextos que a literatura gerativista aponta como os contextos de sujeito nulo. Ainda não vemos, entretanto, as restrições que as análises gerativistas apontam (por exemplo, o sujeito nulo não é permitido em contextos de ilha). Desse modo, mesmo se tratando de uma amostra de cartas privadas, a hipótese de que os resultados se aproximam da gramática do PB pode ser em parte confirmada, com a diminuição dos índices gerais de sujeito nulo ao longo do tempo e com a sua restrição a contextos sintáticos específicos, em que o sujeito nulo é controlado por um antecedente na sentença matriz.

Os resultados, entretanto, não são conclusivos, tendo em vista que ainda é necessário explicar a subida no índice de sujeito nulo do Período 4: deve-se ao fato de os missivistas estarem em conventos e monastérios e há influência da norma padrão? Se acharmos mais cartas de outros Fundos, o resultado será o mesmo? Todos os missivistas desse período se comportam da mesma maneira? Enfim: precisamos mergulhar em questões mais detalhadas da sócio-história desses missivistas a fim de chegar a uma conclusão.

Além disso, vamos refinar a análise dos contextos sintáticos, a fim de aplicar com mais precisão os testes realizados nos trabalhos teóricos, incorporando as sugestões e referências bibliográficas, principalmente com relação ao controle dos padrões sentencias. Desse modo, é necessário aumentar a amostra, e, assim, aumentar o número de dados por Período, para poder realizar rodadas por período de tempo, a fim de observar quais fatores são mais relevantes em cada período e se a relevância vai mudando ao longo do tempo.

Por fim, poderemos continuar tentando responder à pergunta principal do projeto: quais são as propriedades microparamétricas da mudança na posição e na expressão dos sujeitos pronominais que estão relacionadas entre si e que diferenciam o PB das outras línguas românicas de sujeito nulo na diacronia?

Referências

- BAKER, M. C. The acroparameter in a microparametric world. In: BIBERAUER, T. *The limits of syntactic variation*. John Benjamins, 2008.
- BARBOSA, P.; DUARTE, M. E. L.; KATO, M. A. “Null subjects in European and Brazilian Portuguese”. *Journal of Portuguese Linguistics*, vol. 4, n. 2, 2005. Pp 11-52.
- CAVALCANTE, S. R. O. O sujeito nulo de referência indeterminada na fala culta carioca. *Diadorim* (Rio de Janeiro), v. 2, 2007. p. 63-82.
- COELHO, I. L.; VIEIRA-PINTO, C. A.; ZIBETTI, E. M. O.; SILVA, G. M. e. Ordem SV, sujeito expreso e objeto nulo: a trajetória da mudança no português de Santa Catarina. *Actas do XVIII Congresso Internacional ALFAL – Projetos*, Bogotá: Universidade de Bogotá, p. 1-16, 2017.
- COELHO, I. L.; CAVALCANTE, S. R. O.; VIEIRA-PINTO, C. A.; MACHADO, A. L.; CRUZ, A. B.; SILVA, G. M. A trajetória da mudança na sintaxe do sujeito e do objeto direto em cartas pessoais catarinenses e cariocas. In: Izete Lehmkuhl Coelho; Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott; Marco Antonio Rocha Martins; Edair Maria Görski. (Org.). *Aspectos sócio-históricos e linguísticos do português escrito em Santa Catarina nos séculos XIX e XX*. 1ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2021, v. ?, p. 192-246.
- COELHO, I. L. ; VIEIRA-PINTO, C. A. O sujeito nulo em cartas pessoais catarinenses no curso dos séculos XIX e XX (1885-1998). In: Juliana Esposito Marins; Mônica Tavares Orsini; Silvia Regina de Oliveira Cavalcante. (Org.). *Contribuições à descrição e ao ensino do português brasileiro: da fonética ao discurso, com parada obrigatória na sintaxe*. 1ed. São Paulo: Pimenta Cultural, 2021, v. , p. 281-309.
- CYRINO, S.; DUARTE, M. E. L. e KATO, M. Visible subjects and invisible clitics in Brazilian Portuguese. In: KATO, M.; NEGRÃO, E. (eds.). *Brazilian Portuguese and the null subject parameter*. Frankfurt: Vervuet-Iberoamericana, 2000. p. 55-73.
- DUARTE, M. E. L. “Sujeitos de referência definida e arbitrária: aspectos conservadores e inovadores na escrita padrão”. *Revista Linguística – Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística*. UFRJ, vol. 3, n. 1, 2007, pp. 89-115.
- DUARTE, M. E. L. “Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português brasileiro”. In: ROBERTS, I.; KATO, M. (org.) *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas, Ed. UNICAMP, 1993. pp. 107-128. (Reeditado pela Contexto em 2018.)

DUARTE, M. E. L. A evolução na representação do sujeito pronominal em dois tempos. In: M. da Conceição de Paiva; M. Eugenia L. Duarte. (Org.). *Mudança Lingüística em Tempo Real*. Rio de Janeiro: Contra Capa, v. 2003, p. 115-128

DUARTE, M. E. L. *A perda do princípio 'evite pronome' no português brasileiro*. 1995. 140f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.

DUARTE, M. E. L. O sujeito nulo no português brasileiro. In: Cyrino, S; Torres-Moraes, M. A. (Org.). *Mudança sintática do português brasileiro: perspectiva gerativista*. 1a.ed. São Paulo: Contexto, v. 1, 2018. p. 26-71.

DUARTE, M. E. L. O Sujeito nulo referencial no português brasileiro e no português europeu. In: GALVES, C.; KATO, M.; ROBERTS, I. *Português brasileiro: uma segunda viagem diacrônica*. Campinas: Editora da Unicamp, 2019, 93-126.

DUARTE, M. E. L. The loss of the avoid pronoun principle in Brazilian Portuguese. In: KATO, M.; NEGRÃO, E. (ed.). *Brazilian Portuguese and the null subject parameter*. Frankfurt: Vervuet-Iberoamericana, 2000. p. 17-36.

DUARTE, M. E. L.; MOURAO, G. C.; SANTOS, H. M. Os sujeitos de 3ª. pessoa: revisitando Duarte 1993. In: Maria Eugenia L. Duarte. (Org.). *O sujeito em peças de teatro (1833-1992): estudos diacrônicos*. 1a.ed. São Paulo: parábola Editorial, 2012, v. 1, p. 21-44.

FERREIRA, M. B. *Argumentos nulos em português brasileiro*. 2000. 113f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

FIGUEIREDO SILVA, M. C. *A posição sujeito no português brasileiro*. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

GALVES, C. O enfraquecimento da concordância no Português Brasileiro. In: ROBERTS, I.; KATO, M. (org.) *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas, Ed. UNICAMP, 1993. pp. 31-50. (Reeditado pela Contexto em 2018.)

KROCH, A. Reflexes of grammar in patterns of language change. *Language Variation and Change*, 1989, 1:199-244.

GALVES, C. Revisitando a concordância no Português Brasileiro. In: GALVES, C.; KATO, M.; ROBERTS, I. *Português brasileiro: uma segunda viagem diacrônica*. Campinas: Editora da Unicamp, 2019, 127-150.

GALVES, C. A gramática do português brasileiro. *Línguas e Instrumentos Lingüísticos*, n. 1, p. 79-98, 1998.

GALVES, C. *Ensaio sobre as gramáticas do português*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2001.

HOLMBERG, A. Is there a little pro? Evidence from Finnish. *Linguistic Inquiry*, v. 36, n. 4, 2005. p. 533-564.

HOLMBERG, A. "Null subject parameters". In: BIBERAUER, T. et al. (ed.) *Parametric Variation: null subjects in minimalist theory*. Cambridge, Cambridge University Press, 2010, pp. 88-124.

KATO, M. The partial *prodrop* nature and the restricted VS order in Brazilian Portuguese. In: KATO, M.; NEGRÃO, E. (ed.). *Brazilian Portuguese and the null subject parameter*. Frankfurt: Vervuet-Iberoamericana, 2000, p. 223-258.

KATO, M.; MARTINS, A. M.; NUNES, J. *Português brasileiro e português europeu – Sintaxe Comparada*. 1 ed., São Paulo: Contexto, 2023.

MARINS, J. E. O parâmetro do sujeito nulo: Uma análise contrastiva entre o português e o italiano. Dissertação de Mestrado (PPG-Letras Vernáculas), Faculdade de Letras / UFRJ, 2009.

MARINS, J. E.; SOARES DA SILVA, H.; DUARTE, M. E. L. "Revisiting Duarte (1995): for a gradient analysis of indeterminate subjects in Brazilian Portuguese". *Revista Diadorim*. UFRJ, vol. 19, n. especial, 2017, pp. 140-172.

MODESTO, M. Null subjects without "rich" agreement. In: KATO, M. A.; NEGRÃO, E. V. (eds). *Brazilian Portuguese and the null subject parameter*. Frankfurt: Vervuet-Iberoamericana, 2000. p. 147-174.

MOREIRA DA SILVA, S. Études sur la symétrie et l'asymétrie SUJET/OBJET dans le Portugais du Brésil. Tese de Doutorado, Université de Paris VIII, Département de Linguistique Générale, 1983.

RODRIGUES, C. Brazilian Portuguese and Finnish Referential Null Subjects. *REVISTA DA ABRALIN*, v. 3, 2004. p. 75-11.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S. A.; SMITH, E. *GoldVarb X: a variable rule application for Macintosh and Windows*. University of Toronto: Department of Linguistics, 2005.

SILVA, E. N.; LOPES, C. R. S. O perfil sociolinguístico de um casal não ilustre: uma análise grafemática através da edição de cartas particulares. *Confluência* (Rio de Janeiro), v. 1, p. 78-104, 2013.

SOARES DA SILVA, H. O Parâmetro do Sujeito Nulo: confronto entre o português e o espanhol. Dissertação de Mestrado (PPG-Letras Vernáculas), Faculdade de Letras / UFRJ, 2006.

TARALLO, F. Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d'aquém e d'além-mar ao final do século XIX. In: ROBERTS, I.; KATO, M. A. (org.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Homenagem a Fernando Tarallo. Campinas: Editora da Unicamp, 1993. p. 69-105.

TARALLO, F.; KATO, M. A. Harmonia transsistêmica: variação intra- e inter-linguística. *Preedição*, v. 5, Campinas, p. 315-353, 1989. [Republicado em *Diadorim: Revista de Estudos Linguísticos e Literários*, n. 2, 2007].

TORREGROSSA, J.; ANDREOU, M.; BONGARTZ, C. M. Variation in the use and interpretation of null subjects: A view from Greek and Italian. *Glossa: a journal of general linguistics*, 5(1): 95. 1–28, 2020.

VIEIRA-PINTO, C. A. Trajetória de mudança do sujeito e do objeto direto anafóricos: análise de cartas pessoais brasileiras e portuguesas dos séculos XIX e XX. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. Tese de Doutorado. 2020.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

